POGGIO BRACCIOLINI

CARTA AO INFANTE D. HENRIQUE

(1448-1449)

CASA DO LIVRO

POGGIO BRACCIOLINI

CARTA AO INFANTE D. HENRIQUE

(1448-1449)

Introdução de Ivo Carneiro de Sousa

CASA DO LIVRO

Nascido em 1380, Poggio Bracciolini foi uma das principais figuras do primeiro humanismo renascentista. Realizou os seus estudos em Florença, preparando-se para a profissão notarial e passando, desde a juventude, a integrar os círculos culturais dirigidos pelo chanceler florentino Coluccio Salutati. Num ambiente de renovação intelectual e empenho cívico, Poggio viria a desenvolver estreitas relações com as grandes personalidades humanistas do seu tempo, como Carlo Marsuppini, Roberto de Rossi, Gianozzo Manetti, Niccolò Niccoli ou Leonardo Bruni, de quem faria mesmo o elogio fúnebre, em 1444[1]. Encontramos em Bracciolini, desde estes anos de formação, grande parte dos interesses que marcaram o entusiamo do humanismo que, partindo dos intelectuais reunidos em torno do legado cultural de Petrarca, irradiou a partir da cidade do Arno: a redescoberta de textos e manuscritos perdidos de autores latinos, o investimento no latim clássico e a construção de uma carreira profissional ligada à competência das humanidades. A recuperação da Antiguidade e, em especial, da *latinitas* comparece, contudo, como uma das tarefas que mais continuadamente mobilizaram o esforço do humanista florentino, concretizando-se nomeadamente através de uma intervenção decisiva na redescoberta e restauração de textos fundamentais de autores clássicos

---

[1] Poggio escreveria igualmente o necrológio de Niccoli, mas é sem dúvida a oração fúnebre do chanceler Leonardo Bruni que se deve reter como um dos grandes manifestos do humanismo cívico florentino (Cf. BARON, Hans - *La Crisi del Primo Rinascimento italiano*, Firenze, 1970, p.349).

que se encontravam, como Poggio preferia sublinhar, *prisioneiros das trevas góticas*[2]. No entanto, nesta verdadeira aventura de restaurar e divulgar as obras clássicas, entusiasmo que concentrava e especializava diversas competências reunidas por Bracciolini -- do labor elegante e renovador de copista à polémica intelectual --, repara-se que, anterior às exigências filológicas e históricas que haveriam de se exibir como uma das principais metodologias críticas desenvolvidas pelo humanismo renascentista, prevalecem constantemente preocupações morais e pedagógicas, vinculadas ao conteúdo dos textos, ao seu valor moral e cultural. Talvez por isso, o humanista haveria de coligar ao interesse pelos autores latinos uma ligação também significativa aos Padres da Igreja, ao mesmo tempo que acederia mal ao movimento de estudo e recuperação dos clássicos gregos[3]. De facto, Poggio parece ter privilegiado vincular a sua produção intelectual preferencialmente, quase intimamente, ao mundo latino antigo, a partir do qual erguerá um modelo e ideal de vida, edificando ainda parte significativa do fundamento das suas aspirações políticas e *praxis* social e cívica.

Expressando uma mudança decisiva na sua história social e profissional, a partir de 1403, Poggio Bracciolini entrega-se a uma

---

[2] BRACCIOLINI, Poggio - *De infelicitate principum*, I, p.394; *Epistolae*, (ed. de T. Tonelli), Firenze, 1832, I, pp.26-29.

[3] A este propósito, não deixe de se assinalar que, quando Alamanno Rinuccini se bate, à volta de 1455-56, pela vinda para Florença do célebre mestre de grego e de filosofia Janos Argyropoulos, Poggio não apenas manifestaria a sua oposição à iniciativa, como chegaria mesmo a indignar-se, sublinhando com algum exagero que ele próprio -- como Petrarca, Coluccio Salutati ou Leonardo Bruni -- tinha sido autodidacta, cultivando-se individualmente através da elevação da escrita e da leitura. (GARIN, Eugenio - *Ritratto di Poggio*, in «Poggio Bracciolini, Facezie», Milano, 1983, p.10)

longa e prestigiada carreira de trabalho nas administrações e burocracias da cúria pontíficia, em cujo ambiente social passaria a decorrer a sua actividade cultural. Primeiramente, o humanista desloca-se para Roma como secretário do cardeal de Bari para, em seguida, cumprir as funções, sucessivamente, de *scriptor, abbreviator e secretarius* apostólico com o papa Bonifácio IX. Viajando constantemente, entre 1414 e 1418 acompanha o pontífice João XXIII ao concílio de Constança, datando deste período alguns dos momentos mais heróicos da aventura da recuperação de manuscritos de obras clássicas desconhecidas ou perdidas, nomeadamente de Cícero e Quintiliano. Percorrendo diferentes bibliotecas europeias, em especial as grandes livrarias monásticas da França e da Alemanha, desde 1415 que, com as primeiras grandes descobertas no mosteiro de Cluny, o secretário humanista conseguiria recuperar vários códices importantes de autores clássicos, oferecendo aos meios cultivados do seu tempo páginas inéditas ou já quase totalmente olvidadas de textos antigos[4]. Datam também deste

[4] Registe-se rapidamente a cronologia, a dimensão e o sucesso das primeiras grandes descobertas de Poggio. Assim, logo em 1415, o humanista consegue recuperar em Cluny três orações fundamentais de Cícero *(Pro Cluentio, pro Sexto Roscio Amerino* e *pro Murena).* No ano seguinte, em 1416, na companhia dos seus amigos Cencio Rustici e Bartolomeo Aragazzi, encontra no mosteiro de San Gallo a *Instituio Oratoria,* de Quintiliano, os primeiros três livros e meio dos *Argonautica,* de Valério Flaco, o *De Architectura,* de Vitrúvio, bem como outros textos, orações e comentários de Cícero, Lactâncio, Ascónio Pediano e Prisciliano. Desde o princípio de 1417, o humanista florentino inicia uma longa jornada de pesquisas que o leva novamente a San Gallo, a Einsiedeln, Reichenau, Fulda, à biblioteca da catedral de Colónia e a Murbach, descobrindo e copiando obras tão importantes como o *Epitoma rei militaris,* de Vegécio, o *De significatione verborum,* de Pompónio Festo, as *Punica,* de Silio Itálico ou o *De rerum natura,* de Lucrécio. No Verão desse ano, Poggio estende os seus esforços a livrarias e bibliotecas monásticas de França, reunindo, entre vários títulos latinos relevantes, uma impressiva colecção de orações

período de assistência conciliar algumas das mais conhecidas e discutidas epístolas de Poggio, como ocorre com a célebre carta sobre os banhos de Baden e a tão sentida como corajosa missiva sobre a execução de Jerónimo de Praga, informando um testemunho epistolar eminente, na sua qualidade literária e acuidade moral. Assinale-se ainda que, entre 1418 e 1422, depois da eleição de Martinho V, desgostoso com a forma como se encontrava a ser considerado na cúria papal, Poggio preferiria retirar-se para Inglaterra ao serviço do bispo de Winchester, dedicando-se demoradamente aos estudos de textos e autores religiosos, especialmente do período patrístico. Recupera, desde 1423, o cargo de secretário apostólico, recomeçando também, agora por toda a Itália, a sua intensa actividade de procura e recuperação de manuscritos com textos de autores clássicos. Por fim,

---

ciceronianas *(Pro Caecina, Contra Rullum, Pro Roscio Comoedo, Pro Rabirio perduellionis reo, In Pisonem, Pro Rabirio Postumo...).* Não é necessário somar ao êxito destas expedições iniciais a recuperação, ao longo dos anos seguintes, de outras obras e autores clássicos, para se demonstrar a importância fundamental da extraordinária aventura de restauração dos clássicos latinos a que se entregou Poggio. Resta apenas acrescentar que o humanista se preocupava ainda com a difussão das suas descobertas, copiando com frequência pessoalmente os manuscritos recuperados para os enviar e propagar pelos círculos de intelectuais humanistas com que mantinha intercâmbios e assídua correspondência. (Cf. CAMPANA, A. - *La copia autografa delle otto orazioni ciceroniane scoperte da Poggio nel 1417,* in «Ciceroniana», Roma, 1973; CLARK, A. C. - *The literary discoveries of Poggio,* in «The Classical Review» XI (1896); FLORES, E. - *Le scoperte di Poggio e il testo di Lucrezio,* Napoli, 1980; FOFFANO, T. - *Niccoli, Cosimo e le ricerche di Poggio nelle biblioteche francesi,* in «Italia Medievale e Umanistica», XII (1969); GORDAN, P. W. - *Two Renaissance Book Hunters: the Letters of Poggius Bracciolini to Nicolaus de Niccolis,* New York, 1973; SABBADINI, R. - *Poggio scopritore di codici latini in Germania,* in «Rendiconti del reale istituto lombardo do scienze e lettere», XLVI (1913), pp.905-908 e *Le scoperte dei codici latini e greci nei secoli XIV e XV,* Firenze, 1914).

em 1453, culminando a sua carreira profissional e intelectual, apesar de velho, doente e desiludido pelos resultados de várias polémicas por vezes tão intelectualmente violentas e difíceis como as que procurou sustentar contra Lorenzo de Valla[5], Poggio abandona definitivamente a cúria e resolve aceitar o cargo de chanceler que a República de Florença lhe oferecia. Seis anos depois, em 30 de Outubro de 1459, viria a morrer talvez aquele que ao tempo era praticamente o derradeiro representante desse primeiro humanismo, verdadeiramente heróico e profundamente cívico, que havia ligado com continuidade figuras culturalmente tão gigantescas como Petrarca, Coluccio Salutati ou Leonardo Bruni.

Congraçando, assim, várias competências e trajectórias, Poggio comparece mesmo, na história cultural da primeira metade do século XV, como um dos grandes responsáveis pela reprodução do humanismo florentino, potenciado e promovido a partir da corte papal, multiplicando-se graças a intercâmbios vários, estendendo-se dos contactos epistolares às disputas polémicas, passando ainda pelo serviço e correspondência literários com grandes personagens ilustres e poderosas, oferecendo, neste caso, como se sabe, um dos modelos mais perseguidos e talvez responsável maior pela promoção cultural, social e profissional dos *studia humanitatis*. Apresentando, em suma, uma actividade cultural continuada e extensa, cruzando a qualidade

---

[5] Na verdade, Poggio viria a manter polémicas importantes contra Valla que, partindo do debate em torno da pretensa superioridade de Quintiliano sobre Cícero, acusavam o «tecnicismo» filológico e a «ciência nova» de que Valla procurava lançar os fundamentos filológicos, históricos e críticos. (Veja-se, por exemplo, a *Invectiva in L. Vallam prima* e a *Pogii Florentini invectiva secunda in L. Vallam* in «Opera Omnia», (ed. de R. Fubini) Torino, 1964-1969, I, pp. 189 e 219.)

literária com a competência da escrivania e as preocupações éticas com a adesão aos ideários clássicos, julga-se, de facto, poder assinalar-se que não existe acento do humanismo que não se encontre na actividade do intelectual florentino.[6]

Quanto à obra de Poggio Bracciolini, apesar da sua variedade e complexidade, parece ter preferido trilhar, para além dos caminhos de uma formidável produção epistolar[7], as vias do diálogo e do colóquio, aproveitando as suas vantagens formais e genéricas para oferecer trabalhos em que, com frequência, a polémica intelectual se cruza com a crítica religiosa, convocando igualmente competências satíricas e comentários sociais, plasmados, porém, por uma recorrente proficiência clássica, veios presentes em trabalhos como, entre vários outros, o *De avaritia*, datando de 1428, o *De varietate fortunae*, escrito por volta de 1448, ou o *Contra hypocritas*, concluído no ano seguinte. A este conjunto de obras comprometido com algumas das grandes realizações críticas do primeiro humanismo -- da militância anti-escolástica à recuperação das formas e dos géneros literários clássicos --, não se deve deixar de acrescentar as célebres *Facetiae*, uma extensa colecção de histórias e anedotas que se tornaria mesmo num dos volumes mais populares e conhecidos do humanista florentino, testemunhando, afinal, a sua vinculação também à cultura literária toscana do *trecento*, somando ao renascimento clássico petrarquiano a recriação da tradição narrativa que havia encontrado em Boccaccio o seu mais conhecido

---

[6] GARIN, Eugenio - *L'Umanesimo italiano*, Roma-Bari, 1981, p.56.

[7] A dimensão exacta deste labor epistolar desconhece-se, principalmente porque se perderam, entre outras, as cartas escritas por Poggio durante os seus primeiros anos de trabalho na cura pontifícia (GARIN, Eugenio - *Ritratto di Poggio*, in «Poggio Bracciolini, Facezie», Milano, 1983, p.10)

autor. Torna-se difícil sintetizar as principais preocupações e objectivos da obra literária do humanista florentino e aferir da sua influência na cultura europeia do *Quattrocento,* mas se preferirmos atender à sua projecção social e cultural, à sua difusão e popularidade epocal, parece ser indiscutivelmente o epistolário que eleva o nome de Poggio, ao mesmo tempo que assegura a difusão militante dos seus ideários humanistas. De qualquer modo, em termos muito gerais, percorrendo as suas principais produções literárias e algumas das suas mais lidas criações epistolares, das polémicas contra o monacato, às críticas à avareza ou à ascese estéril, das preocupações morais e sociais à actividade profissional nas chancelarias pontíficias e florentinas, encontramos na biografia e na obra de Poggio um mesmo empenho em celebrar o primado da vida activa que se expressava num homem completo, medida da cidade e do mundo, definindo as características e os temas que escoraram o primeiro humanismo.[8]

* * *

Entre 1448 e 1449, Poggio Bracciolini escreveria uma epístola em latim ao infante D. Henrique. Nestes horizontes cronológicos, era não apenas intensa a actividade ultramarina do Navegador, como também, ao mesmo tempo, se caminhava para a conclusão dramática das fracturas sociais e afrontamentos políticos que, dividindo o monarca e o regente D. Pedro, conduziram à batalha de Alfarrobeira. A carta do humanista florentino ao infante português começa por se

[8] GARIN, Eugenio - *L'Umanesimo italiano,* Roma-Bari, 1981, p.57

encontrar, desde as primeiras linhas, essencialmente comprometida com a exornação da Expansão dirigida por D. Henrique, devendo-se, por isso, começar por recordar que, precisamente neste período, se encontrava em movimento parte significativa das realizações e, em especial, dos modelos económicos, sociais e religiosos fundados pelas descobertas henriquinas. Assim, sublinhe-se que as caravelas portuguesas atingiam em 1449 a costa da Guiné, construia-se igualmente a fortaleza de Arguim, enquanto se sistematizava o trato atlântico que começava a concorrer e a embaraçar os itinerários das caravanas nómadas que se dirigiam aos entrepostos magrebinos. Paralelamente, alargava-se o complexo mas fundamental processo de negociações diplomáticas que haveria de concluir-se, em 1455, com a bula *Romanus Pontifex.* Julga-se ser precisamente neste contexto em que se cruza o optimismo da expansão na costa ocidental africana com a legalização e sacralização das descobertas henriquinas que se deve enquadrar a carta de Poggio ao infante de Sagres.

Expressando as qualidades literárias e humanistas que se oferecem no epistolário actualmente conhecido do intelectual florentino, também esta missiva latina segue e desenvolve alguns dos principais ideários intelectuais, éticos e políticos agitados de forma recorrente por Poggio Bracciolini ao longo da sua vida e obra. Em termos concretos, o elogio da figura do infante D. Henrique, centrando-se na exemplaridade da sua acção ultramarina, comparece como o motivo que estrutura a missiva, preferindo, assim, o humanista florentino abrir o seu texto epistolar assinalando com qualidade retórica que, apesar de não ser conhecido pelo infante e da distância que os separava, se

encontrava informado dos seus feitos[9] que importava exornar e animar a prosseguir. Tópico imediatamente reforçado por uma sentença de Cícero, sublinhando que

> **tanti esse uirtutem, ut ea preditus, etiam quos nunquam uidimus, diligamus.**[10]

A virtude do infante encontrava-se vinculada aos seus feitos ímpares e a epístola propõe-se, de seguida, incitar o Navegador a continuá-los. Para isso, parecia a Poggio relevante ressalvar que as

---

[9] A investigação acerca dos informadores portugueses de Poggio Bracciolini tem destacado a importância da embaixada que D. Afonso V enviou em finais de 1448 ao pontífice Nicolau V, formada por Diogo Soares de Albergaria, João de Ataíde, João Fernandes da Silveira, Lourenço Vasques e Luís Pires, assim formando um conjunto de personalidades que deve ter certamente contactado com alguma atenção com o humanista florentino. No entanto, entre os portugueses que frequentavam e trabalhavam na corte papal tem-se realçado ainda dois nomes porventura fundamentais que podem ter contribuído para a produção desta missiva: D. Antão Martins da Silva e, principalmente, o franciscano observante Frei André do Prado. Autor do *Horologium Fidei*, diálogo dedicado ao infante que é, aliás, personagem central da obra, Frei André era na altura professor da Universidade da cúria pontifícia, sendo assim muito provável que fosse personagem dos conhecimentos e círculos em que se movimentava Bracciolini. (*Monumenta Henricina*, IX, Coimbra, 1968, pp.299-300, n.2 e 4; GARCIA, José Manuel - *O Elogio do infante D. Henrique pelo humanista Poggio Bracciolini*, in «Oceanos», 17 (1994), p.12). De qualquer modo, seria particularmente interessante procurar aprofundar os sentidos dos contactos portugueses de Poggio, visto poderem remeter para uma encomenda concretizada precisamente na epístola ao Navegador. Caso esta hipótese seja verificável, a carta deveria ligar-se às condições da sua encomenda, o que obrigava a interrogar os embaixadores, intelectuais e religiosos portugueses que, por iniciativa própria ou concretizando uma estratégia mais ampla, poderiam ter encontrado justamente nesta elevada encomenda uma oportunidade para cruzar o elogio do infante com a promoção da sua própria capacidade para negociar, justificar e exornar -- em qualquer dos casos, «influenciar» -- a Expansão quatrocentista portuguesa...

[10] «...a virtude tem tal valor que aos que por ela se distinguem, posto que jamais os tenhamos visto, devemos ter-lhes particular afeição».

obras valorosos protagonizadas por D. Henrique podiam contribuir para ganhar e aprofundar a sua glória, mas desde que o infante soubesse também escutar e reflectir os conselhos daqueles que, como o humanista florentino, eram especialistas nas palavras e nas letras:

sed et ipsi quoque ampliorem laudem suam afficiunt, si non aspernentur, aut contemnant eorum consilia, quorum uerbis ad uirtutis perseuerantiam commonentur.[11]

Em continuação, a epístola trata de se situar com elevação no objecto central do seu elogio, formado naturalmente pela expansão africana e pelas descobertas atlânticas henriquinas, apresentadas como um feito que comprovava a virtude superior do Navegador que

cum certis triremibus, per ultima maris occeani nauigassi littora eoque progressum quo nullum ex priscis, neque imperatorem neque regem, aut audiuimus aut legimus penetrasse.[12]

Acrescentadas algumas passagens em que Poggio destaca a novidade e a prioridade da expansão dirigida pelo infante, os seus feitos são, outra vez, na linha da declaração anterior, comparados com os sucessos dos grandes príncipes da Antiguidade, como Alexandre Magno e Júlio César, os quais, apesar das suas vitórias, somente haviam conquistado territórios conhecidos do orbe. Mais extrordinária se afigurava a aventura marítima henriquina, enfrentando mares e regiões ignotas, convocando a descoberta e a conquista, o saber e as armas. Importante

---

11 «...mas eles próprios conferem maior grandeza à sua glória, se não desprezam ou enjeitam os conselhos daqueles por cujas palavras são persuadidos à perseverança na virtude.»

12 «...te fizeste ao mar, com umas quantas trirremes, ao longo das mais remotas praias do mar oceano e nele avançaste até onde ninguém de entre os antigos, nem imperador nem rei, ouvimos contar ou ler que tivesse penetrado.»

se julga ser, a seguir, o cuidadoso conjunto de declarações que permite ao humanista florentino filiar e, principalmente, justificar a expansão henriquina através da sua inserção no movimento que se abrira com a conquista de Ceuta, acontecimento que consentia ligar o infante a D. João I, estabelecendo uma dinastia, uma história, se se quiser, uma *missão,* cuja herança não deixava de residir e, até, de se decidir pelo pensamento e acção presentes do infante Navegador:

Hec tu, preclarissimi parentis gesta imitatus, non solum portionis regni, sed laudis quoque heredem te relictum existimasti, paterneque glorie famam, tuis operibus auctam, ad posteros demandasti.[13]

Poggio Bracciolini podia agora salientar ainda nos derradeiros andamentos da sua missiva que o infante se encontrava obrigado a prosseguir a sua obra africana e marítima, cabendo-lhe principalmente a glória de concretizar a ideia maior de que a um príncipe cristão cumpre combater os infiéis, submeté-los, preservando o sangue dos fiéis de Cristo. Perseguindo e assegurando, pois, estes feitos virtuosos, D. Henrique poderia mesmo, finalmente,

reliquos principes fama et gestarum laude superabis.[14]

Desconhecemos se a epístola do humanista florentino alguma vez chegou ao seu destinatário. Não é assim possível discutir fundadamente como é que o Navegador a poderá ter lido e utilizado,

---

[13] «Ao imitares estes feitos do teu gloriosíssimo pai, tu assumiste-te como herdeiro designado, não só da parte respeitante ao reino, mas também da honra, e a fama da glória paterna, acrescida de tuas obras, tu a confiaste aos teus vindouros.»

[14] «...os restantes príncipes, tu os hás-de exceder pela fama e pela glória dos feitos alcançados.»

sendo difícil indagar, por consequência, quais as funções que o elogio epistolar perseguiria no aprofundamento da projecção interna e externa não apenas da figura social, mas principalmente do exemplo e modelo oferecidos pela vida e actividades henriquinas. O contexto político interno do reino apresentava, nestes anos de 1448 e 1449, uma situação pautada por graves preocupações e contradições, mas a dificuldade em datar rigorosamente esta carta não permite associá-la ao ambiente, debates e posições que viriam a desaguar na crise de Alfarrobeira, não autorizando, deste modo, perceber no elogio ao infante uma peça documental que não deixaria de concorrer para alargar não somente o seu prestígio, mas também o peso da contribuição e a autonomia com que o Navegador se foi movendo no complexo afrontamento sócio-político dos derradeiros anos da história do infante D. Pedro.

Talvez seja, por isso, preferível tratar de procurar interpretar esta epístola mais do ponto de vista da sua produção, nela tentando encontrar alguns dos elementos predominantes dos ideários e temas agitados pelo humanista florentino. De facto, descobrem-se também nesta carta, porventura com propositada e intencional facilidade, alguns tópicos e preocupações éticas, políticas e sociais que sempre foram discutidos por Poggio em torno dos conceitos de virtude e glória. Aquela não poderia ser para o humanista apenas exornada enquanto virtude monástica e solitária, mas teria que se firmar como exemplo e paradigma de actividade humana. Nesta ordem de ideias, cabia à glória, concretizada em grandes feitos e obras, corporizar a virtude, difundi-la na sociedade, transformando-a, assim, em virtude civil. E para que a glória fosse conhecida, invadisse a memória e a história, era imperativo dar-se a conhecer através da dignidade clássica das letras.

Assim se encontrava um espaço para a competência humanística que, no caso desta epístola, não deixa de prefigurar esse longo processo, largamente frustrado, que aproximaria o humanismo dos príncipes e da história portuguesa precisamente através da reivindicação de uma competência superior e única para historiar, celebrar e perpetuar os feitos da Expansão.

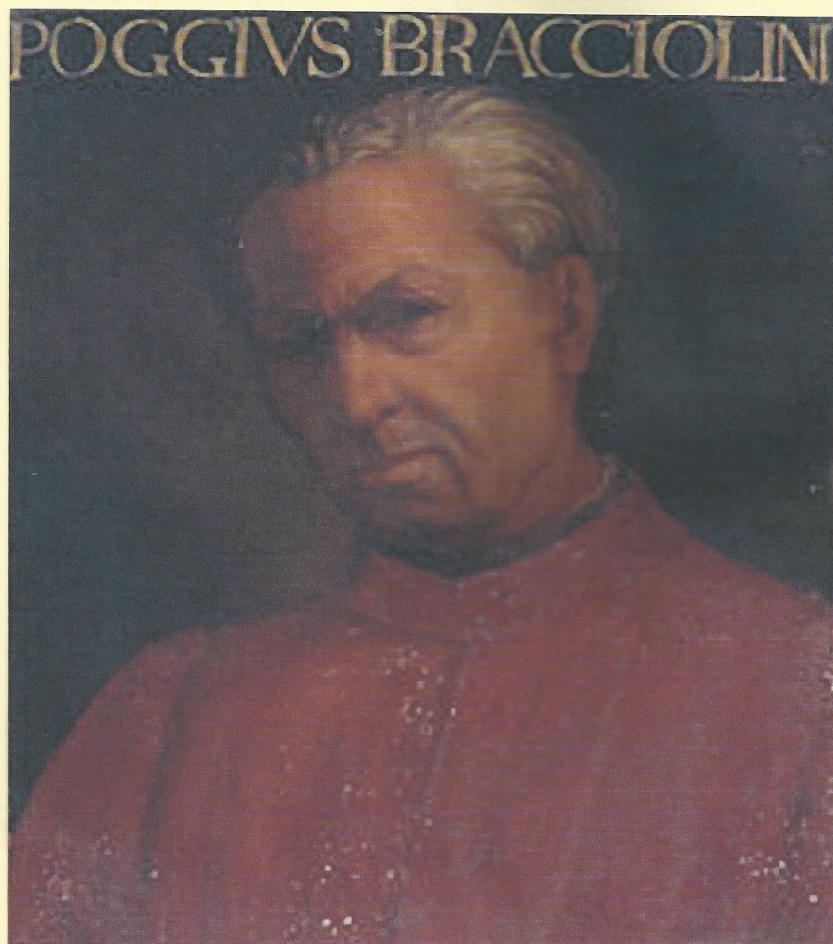
* * *

Para a presente publicação, preferimos optar por seguir e transcrever, com fidelidade, a versão da epístola oferecida com competência pelo professor P. António Domingues de Sousa Costa nos ***Monumenta Henricina***. Quanto à sua tradução, decidimos acompanhar, no fundamental, a recente lição apresentada por Carlos Ascenso André.

Fontes: Biblioteca Riccardiana de Florença, cod. 759, fls.219-220v.; Biblioteca Apostólica Vaticana, cod. Ottob. lat. 2251, fl.156; Biblioteca Nacional de Paris, cod. lat. 14394; Praga, cod. I. C. 3.

Publicações: BRACCIOLINI, Poggio - *Lettere,* (ed. de Helene Harth), III, Florença, 1987, pp.89-90; MAI, Angelo - *Spicilegium Romanum,* t.10, Roma, 1844, pp.254-256; TONELLI, Tommaso - *Pogii Epistolae,*

Florença, 1859, pp.379-82; ***Monumenta Henricina***, Coimbra, 1968, IX, nº 186, pp.300-302 (ed. e notas de António Domingues de Sousa Costa).

Traduções: ANDRÉ, Carlos Ascenso - *Carta de Poggio Bracciolini ao Infante D. Henrique*, in «Oceanos», 17 (1994), p.14.

[1448, Julho - 1449, Agosto]

Carta de Poggio Bracciolini ao infante D. Henrique

Henrici, duci Visensi

Sj forte mirum tibi uibebitur, princeps egregie, me, hominem ignotum tibi longeque remotum, hanc ueluti superuacaneam scribendi curam sumpsisse, id tribuas velim uirtuti tue, que, longe lateque diffusa, me impulit animumque prebuit ut te ad id, meis uerbis, hortarer, ad quod tua te sponte, nullo impulsore, uideo profisci. Nam, Ciceronis est sententia tanti esse uirtutem, ut ea preditos, etiam quos numquam uidimus, diligamus. Sicut autem ij qui in stadio cursu contendunt, persepe acclamantium uocibus excitantur, itidem ego mea cohortatione euenturum existimo, quamuis breuis futura sit, ut paulum te impellat spiritusque adiciat ad ea gesta prosequenda, que ultro egregia uirtute animi nullis hominum cohortationibus incepisti. Sunt maxime extollendi qui, suo ingenio freti, prout tibi contigit, ad uirtutum opera feruntur. Sed et ipsi quoque ampliorem laudem suam afficiunt, si non aspernentur, aut contemnant eorum consilia, quorum uerbis ad uirtutis perseuerantiam commonentur.

Audiui iam dudum a pluribus mihi familiaritate coniunctis portugallensibus, cum de tuis actis quererem, te, magnitudine quadam animi motum et uirtutis ueluti stimulo incitatum, cum certis triremibus,

per ultima maris occeani nauigasse littora eoque progressum quo nullum ex priscis, neque imperatorem neque regem, aut audiuimus aut legimus penetrasse. Nam, et Affrice meridiem uersus transisse terminos et usque ad ethiopes peruenisse tradunt. Que res non solum miranda est, propter uastos occeani maris impetus, exestuantesque tempestatum fluctus, sed etiam propter eorum, que de ijs locis feruntur, nouitatem, omnium laudibus celebranda. Gloriosum quippe uideri debet te unum tanti animi, tante uirtutis consiliique fuisse, ut que nulli hactenus aut ingredi aut tentare sint ausi, tu solus ignota maria, inuisas regiones, incognitas atque efferas nationes, immanes gentes, in ultimis finibus extra anni solisque uias, constitutas, ad quas nullus antea patuit accessus, nauali bello, lacessieris multosque inde abduxeris captiuos.

Magna profecto expeditio et ingentem laudem merita. Quid enim prestabilius quam tantum animi robur atque amplitudinem in te fuisse ut inportuosa litora, tempestuosum mare, efferas nationes, ab omnique cultu remotas, non solum adire ausus fueris, quod ipsum ingentis est consilij, sed armis etiam primus omnium gentium superaris. Nam, si eorum, qui proximas expugnant gentes, sepius lauduntur gesta, quanto illa magis, que aduersus nationes tanto maris terrarumque ambitu disiunctas ac remotas aguntur, sunt extollenda!

Alexander Macedo terrarum orbem suis uictorijs lustrauit, sed eas prouincias locaque aggressus est, ad quas plures antea acceserant. Tua uero uirtus ad eas se oras orbis extendit, ad quas nemo ante te se legitur penetrasse. Cesar Gallias subegit, Britanniam perdomuit, Germaniam lacessiuit; at, prouincias armis deuicit, partim notas, partim romano imperio propinquas. Tua uero classis eas circuit

partes que neque cognite erant neque aditu faciles, et, propter maris gentiumque barbararum formidinem, nauigantibus suspecte. Sed omnes difficul-tates, omnes labores, omnia pericula tua fortitudo animi superauit eaque effecit, que sint eternam tibi laudem paritura.

Sapientissimus ac fortissimus olim princeps Portugalie, parens tuus, hanc tibi preclarissimam omnium reliquit hereditatem, arma contra infideles capiendi. Jpse enim, singulari uirtute animi preditus, ceteris christianis regibus in salute fidelium oscitantibus, solus ob egregiam uirtutis prestantiam Africam, ingenti classe, aggressus, profligatis hostibus, Septam, maritimam ac populosissimam urbem, expugnatam, ui cepit, que adhuc a uobis in saracenorum faucibus detinetur. Hec tu, preclarissimi parentis gesta imitatus, non solum portionis regni, sed laudis quoque heredem te relictum existimasti, paterneque glorie famam, tuis operibus auctam, ad posteros demandasti. Verum, cum hec, tanquam primitie futurorum ijs qui maiora a te exspectant, esse uideantur, hortor excellentiam tuam, ut nequaquam gestis rebus acquiescas, sed ampliora quedam superesse putes, quorum tibi palma et uictoria reseruatur. Neque enim uirtus tua his que cepisti contenta esse debet, sed traducere omnes tuas curas, omnes cogitationes, omnes uires ad subigendas eas gentes, in quarum uictoria et laus hominum sequitur et apud Deum sempiternum premia comparantur. Christiani enim principis officium esse debet ut aduersus infideles, aduersus hereticos, contra fidei hostes arma conuertat, Christi fidelium sanguini parcat. Que qui agunt, pietate et gloria insignes euadunt. Quod si, ut cepisti, imitari uolueris, reliquos principes fama et rerum gestarum laude superabis.

A Henrique, duque de Viseu

Se acaso te parece espantoso, ó egrégio príncipe, que eu, um homem de ti desconhecido e pela lonjura apartado, tenha assumida esta tarefa, na aparência supérflua, de te escrever, desejaria eu que atribuísses o facto à tua valia, a qual, de tão longe e largamente difundida, me impeliu e me dispôs o ânimo a que te exortasse com as minhas palavras àquilo que tu, de tua espontânea vontade e sem necessidade de qualquer instigador, segundo vejo, já prossegues. É um preceito de Cícero, com efeito, que a virtude tem tal valor que aos que por ela se distinguem, posto que jamais os tenhamos visto, devemos ter-lhes particular afeição. Do mesmo modo, pois, que aqueles que no estádio se batem na corrida, são bastas vezes incitados pelo clamor de quantos os aplaudem, assim também eu, com a minha exortação, embora haja de ser breve, estou confiante de que hei-de conseguir incitar-te, sequer, um pouco, e mover-te o ânimo a prosseguir aqueles feitos que encetaste sem o impulso de quem quer que fosse, para além da invulgar virtude da tua própria alma. São bem merecedores de realce aqueles que, confiados no seu engenho, como a ti sucedeu, se entregam à prática de obras de virtude; mas eles próprios conferem maior grandeza ainda à sua glória, se não desprezam ou enjeitam os conselhos daqueles por cujas palavras são persuadidos à perseverança na virtude.

Há largo tempo já que tenho ouvido de muitos Portugueses a mim ligados por laços de amizade, ao questioná-los sobre os teus

feitos, que tu, movido por uma certa grandeza de alma e impelido como que por um estímulo de coragem, te fizeste ao mar, com umas quantas trirremes, ao longo das mais remotas praias do mar oceano e nele avançaste até onde ninguém de entre os antigos, nem imperador nem rei, ouvimos contar ou ler que tivesse penetrado. Dizem, de facto, que passaste para além do meridião de África e que chegaste, mesmo, até aos territórios etíopes. Tais feitos são, não apenas merecedores de admiração, em razão da enorme violência do mar oceano e das furibundas vagas das tempestades, como também dignos de ser celebrados com universal júbilo, graças à novidade das coisas que de tais partes são trazidas. Coisa gloriosa deve parecer, por certo, que tu, apenas, possuísses tamanho ânimo e tamanha coragem e sabedoria, que aquilo a que ninguém até hoje ousou abalançar-se ou experimentar -- mares ignorados, regiões nunca antes visitadas, nações desconhecidas e selvagens, gentes bárbaras, postas nos mais remotos confins, fora do alcance do ano e do sol, para onde ninguém antes desvendara o caminho -- que só tu, contra elas, em combate naval, tivesses investido e que muitos, até, tivesses trazido cativos.

Grande expedição, sem dúvida, e merecedora de enorme louvor. Que pode, enfim, haver de mais notável do que possuíres tão grande robustez e largueza de ânimo que praias inacessíveis, um mar tempestuoso, nações bárbaras, alheias a qualquer espécie de culto, tenhas ousado, não apenas atingi-los, o que, já de si, é próprio de grande sabedoria, como também, pela força das armas, volvido em primeiro de entre os povos, triunfar sobre eles? Se são bastas vezes, de facto, enaltecidos os feitos daqueles que fazem guerra aos povos vizinhos, quanto mais não são de exaltar aquelas façanhas que são

cometidas contra nações apartadas e alongadas por tão enorme extensão de mar e de terra!

Alexandre da Macedónia deslumbrou o orbe terrestre com as suas vitórias, mas alcançou províncias e lugares aonde muitos já antes haviam chegado. A tua coragem, porém, estendeu-se àquelas regiões do mundo que ninguém, antes de ti, se lê ter atingido. César submeteu as Gálias, dominou a Bretanha, investiu contra a Germânia; mas subjugou com seus exércitos províncias em parte conhecidas e em parte vizinhas do império romano. A tua armada, porém, contornou aquelas partes que nem eram conhecidas nem de fácil acesso e que, devido ao pavor do mar e das gentes bárbaras, eram olhadas com receio pelos navegantes. Mas todas as dificuldades, todas as canseiras, todos os perigos, a tua robuztez de coração os ultrapassou e levou a cabo façanhas que hão-de proporcionar-te eterna glória.

O mui sábio e mui valente príncipe de Portugal em dias de antanho, o teu pai, esta herança te legou, a mais excelsa de todas: pegar em armas contra os infiéis. Ele mesmo dotado de singular coragem de alma, enquanto os restantes reis da cristandade se entretinham na salvação dos fiéis, ele, sozinho, graças a uma invulgar valentia, avançou sobre a ameaçadora África com poderosa armada e, depois de desbaratar os inimigos, tomou de assalto pela força Ceuta, cidade marítima e mui populosa que se conserva ainda, até agora, em vossas mãos, adentro das goelas dos Sarracenos. Ao imitares estes feitos do teu gloriosíssimo pai, tu assumiste-te como herdeiro designado, não só da parte respeitante ao reino, mas também da honra, e a fama da glória paterna, acrescida de tuas obras, tu a confiaste aos teus vindouros. Mas porque tais acções parecem como

que primícias de outras futuras, para aqueles que de ti esperam mais altos cometimentos, eu exorto a tua superior grandeza a que de forma alguma te deixes repousar sobre os feitos alcançados, mas que consideres, antes, que alguns mais altos se levantam, cujas palma e vitória te estão reservadas. Nem deve, portanto, a tua coragem contentar-se com as obras que encetaste, mas encaminhar todos os teus cuidados, todos os pensamentos, todas as forças, para a submissão desses povos; do triunfo sobre eles decorre a exaltação por parte dos homens e aprestam-se os prémios junto de Deus sempiterno. A missão de um príncipe cristão deve ser, enfim, voltar os seus exércitos contra os infiéis, contra os heréticos, contra os inimigos da fé, preservar o sangue dos fiéis a Cristo. Os que assim procedem tornam-se insignes pela piedade e pela glória. E se tu, do mesmo modo que começaste, pretenderes prosseguir, os restantes príncipes, tu os hás-de exceder pela fama e pela glória dos feitos alcançados.